



## ***Disparidades no Aleitamento Materno no Brasil: Um Estudo Ecológico sobre o Aleitamento Exclusivo e seus Determinantes***

Luisa Silveira Campanharo<sup>1</sup>, Artur Adelis Sales da Silveira<sup>2</sup>, Fabio Bonadio Gonçalves<sup>3</sup>, Thaís Miranda Kaminice<sup>4</sup>



<https://doi.org/10.36557/2674-8169.2024v6n9p1984-1993>

Artigo recebido em 18 de Julho e publicado em 08 de Setembro de 2024

### **ARTIGO ORIGINAL DE PESQUISA**

#### **RESUMO**

**Introdução:** O aleitamento materno exclusivo é reconhecido por proporcionar benefícios significativos à saúde da criança e da mãe, como fortalecimento do sistema imunológico, redução da mortalidade infantil, e estreitamento do vínculo mãe-filho. Apesar das recomendações globais para amamentação exclusiva durante os primeiros seis meses de vida, o Brasil enfrenta grandes disparidades regionais nas taxas de aleitamento materno. **Objetivo:** Este estudo visa analisar as variações regionais na prevalência do aleitamento materno exclusivo em crianças menores de seis meses no Brasil, identificando os fatores que influenciam estas disparidades. **Metodologia:** Utilizamos uma abordagem de análise descritiva baseada em dados secundários coletados em 2023 pela Secretaria de Atenção Primária à Saúde. A população do estudo incluiu crianças acompanhadas nos serviços de saúde de todo o território nacional, com os dados organizados por região geográfica. **Resultados:** Os resultados apontaram que a prevalência de aleitamento materno exclusivo foi mais alta no Norte (63%) e mais baixa no Nordeste (51%), com o Centro-Oeste, Sudeste e Sul apresentando prevalências de 60%, 56% e 55%, respectivamente. No total, 56% das crianças brasileiras foram amamentadas exclusivamente. **Discussão:** A discussão enfoca como as variações regionais podem ser atribuídas a diferenças culturais, socioeconômicas, e na eficácia de implementação de políticas públicas de saúde. Enquanto algumas regiões, como o Norte, demonstram uma adesão maior devido preservação de práticas culturais e programas locais de incentivo, outras, como o Nordeste, enfrentam barreiras como pobreza e falta de acesso adequado a serviços de saúde, impactando negativamente as taxas de aleitamento. **Conclusão:** Este estudo destaca a necessidade de políticas de saúde mais personalizadas e sensíveis às especificidades regionais para promover o aleitamento materno exclusivo. A adaptação local dos programas de incentivo e a educação sobre os benefícios da amamentação são essenciais para reduzir as disparidades regionais e melhorar os desfechos de saúde infantil em todo o país.

**Palavras-chave:** Amamentação, Aleitamento Exclusivo, Pediatria



# Disparities in Breastfeeding in Brazil: An Ecological Study on Exclusive Breastfeeding and Its Determinants

## ABSTRACT

**Introduction:** Exclusive breastfeeding is recognized for providing significant health benefits to both the child and the mother, such as strengthening the immune system, reducing infant mortality, and fostering the mother-child bond. Despite global recommendations for exclusive breastfeeding during the first six months of life, Brazil faces significant regional disparities in breastfeeding rates. **Objective:** This study aims to analyze regional variations in the prevalence of exclusive breastfeeding among children under six months in Brazil, identifying the factors that influence these disparities. **Methodology:** We employed a descriptive analysis approach based on secondary data collected in 2023 by the Secretariat of Primary Health Care. The study population included children monitored by health services across the national territory, with data organized by geographic region. **Results:** The results indicated that the prevalence of exclusive breastfeeding was highest in the North (63%) and lowest in the Northeast (51%), with the Central-West, Southeast, and South showing prevalence rates of 60%, 56%, and 55%, respectively. Overall, 56% of Brazilian children were exclusively breastfed. **Discussion:** The discussion focuses on how regional variations may be attributed to cultural, socioeconomic differences, and the effectiveness of public health policy implementation. While some regions, such as the North, exhibit higher adherence due to the preservation of cultural practices and local incentive programs, others, like the Northeast, face barriers such as poverty and inadequate access to health services, negatively impacting breastfeeding rates. **Conclusion:** This study highlights the need for more tailored and region-sensitive health policies to promote exclusive breastfeeding. Local adaptation of incentive programs and education on the benefits of breastfeeding are essential to reducing regional disparities and improving child health outcomes nationwide.

**Keywords:** Breastfeeding, Exclusive Breastfeeding, Pediatrics

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## **INTRODUÇÃO**

O aleitamento materno exclusivo é amplamente reconhecido como a forma mais adequada de alimentação para lactentes nos primeiros seis meses de vida, proporcionando benefícios substanciais para a saúde tanto da criança quanto da mãe. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda o aleitamento materno exclusivo durante esse período, pois ele é fundamental para a redução da mortalidade infantil, a prevenção de doenças infecciosas e o desenvolvimento adequado do sistema imunológico (World Health Organization, 2021). Além disso, a amamentação exclusiva promove o vínculo entre mãe e filho e contribui para a saúde materna, reduzindo o risco de câncer de mama e ovário, bem como auxiliando na recuperação pós-parto (Victora et al., 2016).

No Brasil, país de dimensões continentais, as disparidades regionais na prevalência do aleitamento materno exclusivo são evidentes e podem ser influenciadas por diversos fatores, como políticas públicas locais, condições socioeconômicas, educação materna e infraestrutura de saúde (Venancio et al., 2019). Em regiões mais pobres, como o Nordeste, as taxas de aleitamento materno tendem a ser mais baixas, o que pode refletir tanto desafios socioeconômicos quanto menor acesso a programas de apoio à amamentação (Cunha et al., 2020). Por outro lado, regiões como o Norte têm apresentado maior adesão ao aleitamento materno exclusivo, o que pode estar relacionado a práticas culturais mais enraizadas e à atuação de programas locais de incentivo (Silva et al., 2021).

Estudos anteriores indicam que o fortalecimento das políticas de promoção do aleitamento materno, como a Estratégia Nacional para Alimentação Complementar Saudável (ENPACS) e o Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno (PIAM), têm contribuído para o aumento das taxas de amamentação no Brasil (Boccolini et al., 2017). No entanto, as disparidades regionais persistem, sugerindo que esses programas podem não estar sendo implementados de forma equitativa em todo o território nacional. A heterogeneidade das práticas de amamentação entre as regiões



pode ser atribuída a fatores como a escolaridade das mães, o apoio familiar e a influência de práticas culturais específicas (Santos et al., 2018).

Este estudo visa preencher uma lacuna na literatura ao analisar detalhadamente a prevalência do aleitamento materno exclusivo em menores de seis meses nas diferentes regiões brasileiras, utilizando dados recentes de 2023. Ao identificar essas disparidades e discutir os fatores que podem influenciar essas variações, espera-se fornecer insights valiosos para a formulação de políticas públicas mais eficazes e direcionadas, que possam reduzir as desigualdades e promover a saúde infantil de maneira mais uniforme em todo o país.

## **METODOLOGIA**

Este estudo baseia-se em uma análise descritiva dos dados secundários fornecidos pelo relatório de consumo alimentar dos indivíduos acompanhados no ano de 2023, compilado pela Secretaria de Atenção Primária à Saúde. A população de estudo inclui crianças menores de seis meses acompanhadas por serviços de saúde em todo o território nacional.

Os dados foram organizados por regiões geográficas (Centro-Oeste, Nordeste, Norte, Sudeste e Sul), e a prevalência de aleitamento materno exclusivo foi calculada para cada região. A análise dos dados envolveu a comparação das taxas de aleitamento entre as regiões, bem como a identificação de padrões regionais que possam refletir diferenças socioeconômicas, culturais ou de acesso aos serviços de saúde. Os resultados foram apresentados em porcentagens e números absolutos, facilitando a visualização das disparidades regionais.

## **RESULTADOS**



No ano de 2023, o relatório de consumo alimentar indicou a prevalência de aleitamento materno exclusivo em menores de 6 meses de idade nas diferentes regiões do Brasil. Os resultados, segmentados por região, foram os seguintes:

- Centro-Oeste: 60% das crianças menores de 6 meses foram alimentadas exclusivamente com leite materno, totalizando 15.054 crianças de um total de 24.929 acompanhadas.
- Nordeste: A menor prevalência foi observada nesta região, com 51% de aleitamento materno exclusivo, correspondendo a 45.117 crianças de um total de 88.087 acompanhadas.
- Norte: A região Norte apresentou a maior prevalência, com 63% das crianças recebendo aleitamento materno exclusivo, o que equivale a 19.454 crianças de um total de 30.670 acompanhadas.
- Sudeste: A prevalência foi de 56%, com 47.236 crianças de um total de 84.585 acompanhadas recebendo aleitamento materno exclusivo.
- Sul: A região Sul apresentou uma prevalência de 55%, com 13.970 crianças de um total de 25.446 acompanhadas sendo amamentadas exclusivamente com leite materno.

No total, para todo o Brasil, a prevalência de aleitamento materno exclusivo em menores de 6 meses foi de 56%, com 140.831 crianças recebendo aleitamento exclusivo de um total de 253.717 acompanhadas.

Os dados apresentados revelam variações significativas na prevalência de aleitamento materno exclusivo entre as diferentes regiões do Brasil, com a região Norte apresentando a maior prevalência (63%) e a região Nordeste a menor (51%). Essas disparidades regionais podem estar associadas a fatores socioeconômicos, culturais e ao acesso a políticas públicas de saúde, como programas de incentivo ao aleitamento materno.

A alta prevalência observada na região Norte pode ser reflexo de uma maior valorização das práticas tradicionais de amamentação, além de possíveis esforços regionais para promoção do aleitamento materno. Em contraste, a região Nordeste, que historicamente apresenta desafios socioeconômicos mais acentuados, pode



enfrentar dificuldades adicionais que impactam negativamente as taxas de aleitamento materno, como menor acesso a orientações adequadas de saúde materno-infantil (Cunha et al., 2020; Santos et al., 2018).

As regiões Sul e Sudeste, com prevalências de 55% e 56%, respectivamente, também merecem destaque. Embora apresentem uma prevalência intermediária, essas regiões são caracterizadas por maior urbanização e industrialização, fatores que podem influenciar as práticas de alimentação infantil, seja pela necessidade de retorno ao trabalho por parte das mães ou pelo acesso facilitado a fórmulas infantis (Boccolini et al., 2017). Estudos como o de Venancio et al. (2019) sugerem que o suporte institucional e comunitário pode desempenhar um papel crucial na promoção da amamentação exclusiva nessas áreas.

No contexto geral do Brasil, com uma prevalência de 56% de aleitamento materno exclusivo, observa-se que, apesar de os números estarem dentro da média recomendada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), ainda há espaço para melhorias, especialmente em regiões mais vulneráveis (World Health Organization, 2021). As políticas de saúde pública devem continuar focando na educação e suporte às mães, com estratégias personalizadas para atender as necessidades específicas de cada região, visando aumentar a adesão ao aleitamento materno exclusivo em todo o país.

A implementação de programas de saúde como o PIAM (Programa de Incentivo ao Aleitamento Materno) tem sido mostrada como eficaz em várias regiões, mas sua efetividade varia significativamente dependendo da capacidade de adaptação às realidades locais (Silva et al., 2021). Essa variabilidade nos resultados aponta para a necessidade de uma abordagem mais flexível e adaptada às características culturais e socioeconômicas de cada região brasileira.

Este estudo destacou as significativas disparidades regionais na prevalência do aleitamento materno exclusivo entre crianças menores de seis meses em diferentes regiões do Brasil. Os dados de 2023 revelam que, embora a média nacional atenda às recomendações da Organização Mundial da Saúde, as variações entre as regiões



indicam a necessidade de políticas mais direcionadas e adaptadas às especificidades locais.

A região Norte exibiu a maior prevalência de aleitamento materno exclusivo, potencialmente devido a uma maior preservação das práticas culturais de amamentação e a implementação efetiva de políticas de promoção à saúde. Em contraste, a região Nordeste apresentou a menor prevalência, o que pode refletir os desafios socioeconômicos e de acesso a serviços de saúde adequados (Silva et al., 2021; Cunha et al., 2020). As regiões Sul e Sudeste, com suas características urbanas e industriais, mostraram que fatores como o retorno precoce ao trabalho e o fácil acesso a substitutos do leite materno podem influenciar negativamente as taxas de amamentação (Boccolini et al., 2017; Santos et al., 2018).

Portanto, é crucial que as políticas públicas sejam adaptadas para abordar os fatores específicos que afetam cada região. Estratégias como o aumento do suporte comunitário e institucional, a promoção de programas educacionais sobre os benefícios da amamentação, e o fortalecimento das redes de apoio social e de saúde para as mães, podem ajudar a aumentar as taxas de aleitamento materno exclusivo (Venancio et al., 2019; World Health Organization, 2021).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo destacou as significativas disparidades regionais na prevalência do aleitamento materno exclusivo entre crianças menores de seis meses em diferentes regiões do Brasil. Os dados de 2023 revelam que, embora a média nacional atenda às recomendações da Organização Mundial da Saúde, as variações entre as regiões indicam a necessidade de políticas mais direcionadas e adaptadas às especificidades locais.

A região Norte exibiu a maior prevalência de aleitamento materno exclusivo, potencialmente devido a uma maior preservação das práticas culturais de amamentação e a implementação efetiva de políticas de promoção à saúde. Em contraste, a região Nordeste apresentou a menor prevalência, o que pode refletir os



desafios socioeconômicos e de acesso a serviços de saúde adequados (Silva et al., 2021; Cunha et al., 2020). As regiões Sul e Sudeste, com suas características urbanas e industriais, mostraram que fatores como o retorno precoce ao trabalho e o fácil acesso a substitutos do leite materno podem influenciar negativamente as taxas de amamentação (Boccolini et al., 2017; Santos et al., 2018).

## REFERÊNCIAS

BOCCOLINI, C. S.; BOCCOLINI, P. M. M.; MONTEIRO, F. R.; VENÂNCIO, S. I.; GIUGLIANI, E. R. J. Tendência de indicadores do aleitamento materno no Brasil em três décadas. *Revista de Saúde Pública*, v. 51, p. 108, 2017. DOI: 10.11606/s1518-8787.2017051000029.

CUNHA, A. J. L. A.; LEITE, Á. J. M.; ALMEIDA, I. S. The pediatrician's role in the first thousand days of the child: The pursuit of healthy nutrition and development. *Jornal de Pediatria*, v. 96, supl. 1, p. 3-17, 2020. DOI: 10.1016/j.jped.2020.06.006.

SANTOS, L. P.; BARROS, A. J. D.; HORTA, B. L.; BASSANI, D. G. Prevalence of exclusive breastfeeding and its determinants in the first three months of life in the 2015 Pelotas (Brazil) birth cohort study. *Journal of Pediatrics*, v. 94, n. 4, p. 381-387, 2018. DOI: 10.1016/j.jped.2017.08.005.

SILVA, C. M.; LIMA, C. C. S.; CARVALHO, M. A.; MENEZES, M. S. Breastfeeding promotion programs in the Northern region of Brazil: Impact and challenges. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, n. 2, p. 397-405, 2021. DOI: 10.1590/1806-93042021000200012.

VENANCIO, S. I.; SALDIVA, S. R. D. M.; ESCUDER, M. M. L.; GIUGLIANI, E. R. J. Breastfeeding practice in the Brazilian National Survey of Child Nutrition (ENANI-2019). *Cadernos de Saúde Pública*, v. 35, n. 4, p. e00224318, 2019. DOI: 10.1590/0102-311X00224318.

VICTORA, C. G.; BAHL, R.; BARROS, A. J. D.; FRANÇA, G. V. A.; HORTON, S.; KRASEVEC, J.; ROLLINS, N. C. Breastfeeding in the 21st century: Epidemiology, mechanisms, and lifelong effect. *The Lancet*, v. 387, n. 10017, p. 475-490, 2016. DOI: 10.1016/S0140-6736(15)01024-7.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Infant and young child feeding. Geneva: World Health Organization, 2021.